

UM CONVITE ÀS ARTISTAS MÃES OU NÓS PODEMOS CONTAR – e mudar – nossa história

Por Gaabriela Moura

O ontem

A representação da mulher no curso histórico e artístico, sempre baseada em arquétipos idealizados, sobretudo e de forma majoritária, por homens, influencia a auto imagem feminina e a percepção geral da mulher no seu espaço social. A história é contada por homens, inclusive, através da arte. Em todo esse percurso, tivemos grandes nomes de mulheres que tomaram para si a missão de contar e recontar essas histórias, mas abafadas pelo cenário predominantemente masculino, branco e elitizado.

Nós

No momento em que a mulher toma para si a produção artística, ainda que não faça representações diretas de mulheres, produz sobre mulheres, afinal, impossível é dissociar a arte da história de sua autora. E quando uma mulher mãe toma para si essa produção, promove uma micro revolução, ao explorar um universo vasto e muito conhecido, mas difícil de apalpar quando não se vivencia.

Pungente, catártica, poética, artística, a maternidade é universal, mas particular. Toda a solidão que a envolve pode servir para muito: autoconhecimento, luz, luta, arte. O flerte entre a doçura e loucura, a linha tênue entre amar muito e pirar muito. Esse mistério do universo que cabe no ventre de uma mulher. A puta que depende do pecado para reproduzir e a Santa que pare e alimenta.

O olhar feminino, particularmente feminista e materno, na arte, gera uma potência propulsora de extrema conexão. Consumir arte de mulheres é

empoderador e mulheres mães apresentam outro cardume de possibilidades, vivências, perspectivas sobre o feminino, num grupo, de certa forma, marginalizado: o das mulheres mães.

O hoje

Durante o processo que culminou no impeachment da primeira presidenta do Brasil, que começou em 2015 e encerrou-se em 2016, sobretudo nas eleições presidenciais de 2018 e, em 2019, início do desgoverno que impera, afundamos-nos em uma era de pós-verdades, obscurantismo e conservadorismo. Direitos que antes pareciam irrevogáveis se mostram solúveis. Como elucida Simone de Beauvoir:

“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.”

No panorama atual brasileiro, as artes plásticas têm efeito na criação de narrativas de combate à onda que chegou ao poder, colocando em prática o confronto e convidando à reflexão coletiva.

E, nós, artistas, como mães, usando do epíteto a nós destinado, temos a possibilidade de trazer à tona uma visão feminista, libertária e progressista, dentro de um verdadeiro campo de batalha de ideias. Prestamos amor à luta e tornamos centrais discussões e reflexões acerca de temas tão caros quanto urgentes, como questões raciais, de gênero, liberdades, entre tantas, no campo progressista.

A palavra resistência, nunca antes tão popular, dialoga com a realidade política e social na qual o Brasil se encontra e a arte tem o poder de contar essa história e o dever de tentar mudá-la.

O convite

Refletindo sobre os movimentos artísticos até a contemporaneidade, conseguimos observar o papel destinado às mulheres em cada período. Tomando para nós o poder autoral dessa história, colocamos-nos no lugar

que quisermos ou, ao menos, que gostaríamos de alcançar. Nas ruas, nas praças, no mercado de trabalho, nos meios políticos, sociais e artísticos.

Que esse seja nosso tempo! Que nós, mulheres, sejamos as autoras de nossas próprias histórias! Que nossa voz ecoe quebrando todos os vidros, gritando as realidades!

E assim, tomemos a caneta, o pincel, a câmera, os microfones e o curso da história, para nós e por nós!